



Sino Azul



OUTUBRO 1947

ANO XX

N.º 227

Conferência Interamericana do Rio de Janeiro

Constituem honrosa distinção para a nossa Companhia as cartas que a seguir transcrevemos, dirigidas por S.S. - Excias. o Embaixador Americano William D. Pawley ao Sr. H. L. Banfill, Vice-Presidente da C.T.B. e General George C. Marshall, Secretário de Estado da América do Norte e Chefe da Delegação daquele país à Conferência do Rio de Janeiro, a Carlos Mirtle, Superintendente da Conservação da Divisão de Rio e Minas.

“EMBASSY OF THE UNITED STATES OF AMERICA

Rio de Janeiro, Brazil — September 15, 1947.

My dear Mr. Banfill:—

I could not let the Rio Conference and President Truman's visit to Rio be placed in the annals of Brazilian history without expressing my sincere appreciation for the outstanding contribution made by your Company in maintaining constant and efficient communication services for the United States Delegation to the Rio Conference and for President Truman during his short visit. These combined activities required long hours of work by your installation, maintenance and operation personnel, and it was carried out with a maximum of efficiency.

Please express my gratefulness to each of your employees who contributed so generously to this work over the past thirty days.

Sincerely yours,
William D. Pawley”.

“EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

Rio de Janeiro, Brasil — 15 de Setembro de 1947.

Meu caro Sr. Banfill:

Eu não poderia permitir que a Conferência do Rio e a visita do Presidente Truman passassem para os anais da história brasileira sem expressar o meu sincero apreço pela relevante contribuição de sua Companhia mantendo serviços de comunicação constantes e eficientes para a Delegação dos Estados Unidos à Conferência do Rio e para o Presidente Truman durante a sua rápida visita. Essas atividades combinadas exigiram longas horas de trabalho de seu pessoal de instalação, conservação e operação e foram levadas a efeito com o máximo de eficiência.

Queira exprimir a minha gratidão a cada um de seus empregados que contribuíram tão generosamente para este serviço durante os trinta dias passados.

Sinceramente, seu
William D. Pawley”.

“INTER - AMERICAN CONFERENCE FOR THE MAINTENANCE OF CONTINENTAL PEACE AND SECURITY

Dear Mr. Mirtle:

Howard Chaille has called my attention to your invaluable assistance to him and his staff in arranging and maintaining the exceptionally effective special telephone services for my Delegation. The Companhia Telephonica Brasileira could not have chosen a better person.

Before leaving Brazil I want to add my thanks to those of Howard Chaille and my communications personnel for your untiring efforts on their behalf. The long hours you voluntarily spent supervising this extra service and making sure that it was functioning properly were an example of courtesy, thoughtfulness, efficiency and cooperation which will be remembered with deep appreciation by my staff.

You may be sure that your assistance contributed materially to the success of the Conference.

Faithfully yours,
George C. Marshall”.

“CONFERENCIA INTERAMERICANA PARA MANUTENÇÃO DA PAZ E SEGURANÇA CONTINENTAL

Caro Sr. Mirtle:

Howard Chaille chamou minha atenção para a sua inestimável assistência, a êle e a seu pessoal, estabelecendo e mantendo para a minha Delegação serviços telefônicos especiais excepcionalmente eficientes. A Companhia Telephonica Brasileira não poderia ter escolhido melhor pessoa.

Antes de deixar o Brasil quero juntar os meus agradecimentos aos de Howard Chaille e o meu reconhecimento pessoal pelos seus incansáveis esforços. As longas horas que espontaneamente o senhor gastou superintendendo este serviço extra e assegurando-se de seu perfeito funcionamento foram um exemplo de cortesia, solicitude, eficiência e cooperação que será lembrado com profundo apreço pelo meu pessoal.

Pode estar certo de que a sua assistência contribuiu materialmente para o sucesso da Conferência.

Lealmente, seu
George C. Marshall”.



Hotel Quitandinha, em Petrópolis, onde se realizou a Conferência Interamericana do Rio de Janeiro.

O serviço telefônico na Conferência Interamericana

Petrópolis, a bela cidade fluminense, situada na serra da Estrêla, às margens do rio Piabanha, foi teatro de um acontecimento de repercussão mundial: a Conferência Interamericana para Manutenção da Paz e Segurança no Continente, a qual se realizou no Hotel Quitandinha, com o comparecimento dos chanceleres de tôdas as repúblicas americanas, afim de concretizarem num pacto solene os ideais de paz e solidariedade de todos os seus povos.

A Companhia Telephonica Brasileira não poderia deixar, como não deixou, de prestar sua colaboração, afim de contribuir eficientemente para o êxito das comunicações, cônica das grandes responsabilidades que lhe estavam afetas num conclave de tamanha importância.

Carlos Mirtle, Superintendente da Conservação da Divisão dos Estados do Rio e Minas, e E. Stojak, do Departamento da Planta do Distrito Federal, foram designados para coordenar e dirigir os serviços técnicos nas respectivas Divisões.

C. Mirtle manteve-se durante todo o período da Conferência em Quintandinha, junto aos representantes do Ministério das Relações Exteriores, da Embaixada Americana e de tôdas as Companhias de Comunicações que realizaram os serviços de imprensa e rádio.

No desempenho de sua árdua missão, C. Mirtle foi assistido por C. M. Queiroz, Chefe da Secção de Exame de Linhas Interurbanas do Rio de Janeiro, e O. Geraldo, Chefe de Distrito da Rêde Interino, que dirigiu os serviços executados pela Conservação do Distrito Sul do Estado do Rio.

Os serviços comerciais estiveram sob a direção de Dagoberto Mesquita, Superintendente Comercial daquela Divisão e que foi auxiliado por W. L. Paço, Gerente do Distrito Sul do Estado do Rio.

Os serviços de Tráfego, sob a direção de A. Avila Leal, Superintendente do Tráfego, estiveram a cargo de Cezar Cardoni, Chefe da Secção de Métodos que foi auxiliado por D. Rosa L. Cruz, Chefe de Distrito de Tráfego, e mais 30 telefonistas, inclusive 5 intérpretes que falavam quatro idiomas.

Para que a Companhia pudesse realizar trabalho de tamanho vulto, foram realizados estudos, os quais foram feitos por P. Barbastefano, Chefe da Secção de Estudos de Tráfego, e A. Cabral de Lacerda, da Secção de Transmissão.

Damos a seguir um resumo dos serviços realizados pela Divisão de Estados, para que a Companhia pudesse apresentar um perfeito serviço de comunicações para os chanceleres, imprensa, rádio e público presentes à Conferência:

- 1) Instalação de um cabo de 51 pares, fio 19, na extensão de 1300 metros. Os serviços foram executados pelo Departamento de Construções, sob a responsabilidade do Feitor Milton Reinaldo.
- 2) Existindo no Hotel Quitandinha um PBX, composto de 5 posições 551-B, tornou-se necessária a instalação de mais 2 mesas do mesmo tipo, equipadas cada uma com 80 ramais e 10 troncos. Foi, também, feita a redistribuição dos 24 troncos de interposição e dos circuitos de botão; foram transferi-

SR. HENRY BORDEN, C. M. G., K. C.

SUA CHEGADA AO RIO DE JANEIRO

EM sua habitual visita às companhias pertencentes à Brazilian Traction Light & Power Co., chegou ao Rio de Janeiro no dia 28 de Setembro último o Sr. Hen-

ry Borden, C. M. G., K. C., Presidente daquela Empresa.

Em sua companhia vieram também os Srs. G. R. F. Troop e Coronel W. E. Phillips, D. S. O., C. B. E., M. C., Diretores da Brazilian Traction.

O desembarque deu-se no aeroporto Santos Dumont, onde os foram receber Diretores e altos funcionários das Companhias Associadas, que lhes apresentaram votos de boas vindas.

dos os circuitos de disco das antigas para as novas mesas e instalados mais 5 circuitos de sinal e 6 de disco para a Estação Automática de Petrópolis. Foram adicionados mais 12 troncos de interposição e 10 circuitos de botão. Esse serviço foi executado em cinco dias, tempo "record" para trabalho de tamanho vulto, sendo executado pela Secção de Instalação de Equipamento, sob a responsabilidade de J. Badin, auxiliado por Laureano A. Montes, Ernesto Alvarez, Alberto Mussel e Arthur Fernandes.

- 3) Para possibilitar os serviços de comunicações interurbana, internacional e de irradiação, foram instaladas as seguintes Linhas Privadas Interurbanas para conversação e teletipo, entre o Hotel Quitandinha e a Capital da República:

Ministério das Relações Exteriores....	8
Embaixada Americana	3
Agência Nacional	5
Companhia Rádio Internacional do Brasil	5
All America Cables and Radio Inc... .	2
Companhia Rádio Telegráfica Brasileira	2
Western Telegraph Co. Ltd.....	1
Telerádio Brasileira Ltda.	1

Os serviços de ligação e fiscalização das linhas privadas interurbanas estiveram a cargo dos seguintes funcionários da Divisão dos Estados do Rio e Minas:

- C. M. Queiroz e O. Peres no Exame de Linhas Interurbanas do Rio de Janeiro.
J. G. Carvalho na Estação de Repetidores de Duque de Caxias.
O. Franco e Waldir Brandão na Estação de Petrópolis.
A. S. Vieira e Arthur Fernandes no Hotel Quitandinha.

- 4) Para permitir a ligação das linhas privadas e melhor atender as comunicações internas, foram instalados no Hotel Quitandinha 48 telefones adicionais. Esses serviços estiveram a cargo do Fel-



P. B. X. do Hotel Quitandinha, vendo-se D. Rosa Libonati Cruz, Chefe de Distrito de Tráfego, e D. Martha Rocha, Telefonista Chefe do P. B. X., bem como várias telefonistas no exercício de suas funções.

tor Manoel W. Bechtluff, auxiliado por Adalberto Nicolay, Guilherme Mesche, José Tavares, Octavio Christ e inúmeros outros instaladores de Petrópolis.

- 5) Durante a Conferência, o serviço de Tráfego foi muito intenso, tendo sido completada a seguinte média de chamadas:

- 270 chamadas interurbanas por dia.
- 600 chamadas locais por hora de maior movimento.
- 450 chamadas por dia para atender o serviço doméstico.

O Ministério das Relações Exteriores, a Embaixada Americana e todas as Empresas de Comunicações que estiveram representadas em Quitandinha foram unânimes em realçar a valiosa colaboração da Companhia Telefônica Brasileira considerando efficientíssimo o serviço telefônico que lhes foi prestado.

A nova administração da Companhia Telephonica Brasileira

O Sr. P. Renault Castanheira nomeado
Superintendente Geral



Sr. H. L. Banfill
Vice Presidente



Sr. P. Renault Castanheira
Superintendente Geral

COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA

Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1947.

ORDEM GERAL

A partir da presente data, o Sr. H. L. Banfill deixa o cargo de Vice Presidente Executivo da Companhia Telephonica Brasileira, permanecendo, entretanto, como Vice Presidente da referida Companhia.

A partir desta mesma data, o Sr. P. R. Castanheira é nomeado Superintendente Geral da Companhia Telephonica Brasileira.

H. B. Style
Presidente

De acôrdo com a Ordem Geral da Administração das Companhias Associadas datada de 9 de Outubro, o Sr. H. L. Banfill, que há vários anos vinha administrando, com grande operosidade e brilho invulgar, a Companhia Telephonica Brasileira, primeiro como Superintendente Geral e por último como Vice Presidente Executivo, deixou esta função para exercer outro cargo de maior responsabilidade na Administração das Companhias Associadas, continuando, todavia, como Vice Presidente da nossa Companhia.

O Sr. P. Renault Castanheira, Superintendente Geral Adjunto, assumiu a administração geral de nossa Companhia nas funções de Superintendente Geral.

E' a seguinte a Ordem Geral, assinada pelo Sr. H. B. Style, Presidente das Companhias Associadas:

DIVISÃO DE RIO E MINAS

VETERANOS DO DEPARTAMENTO COMERCIAL

JOSÉ Augusto Nascimento Filho e Antonio Rodrigues Junior, dedicados funcionários do Departamento Comercial, da Divisão dos Estados do Rio e Minas, completaram 10 anos de bons serviços na Companhia Telephonica Brasileira, dando oportunidade a que seus superiores e colegas se reunissem para homenageá-los.

A solenidade realizou-se no escritório de Dagoberto Mesquita, Superintendente Comercial daquela Divisão, em ambiente festivo, tendo o



José Augusto Nascimento Filho quando D. Mesquita lhe colocava à lapela o emblema de bronze.

mesmo feito pessoalmente a entrega dos sinos de bronze aos dois veteranos.

Na ocasião, falou D. Mesquita que, em nome da Companhia, pronunciou algumas palavras de agradecimento pelos bons serviços

prestados pelos homenageados.

Compareceram à cerimônia grande numero de colegas e amigos dos veteranos, assim como Chefes e colegas de outros Departamentos.



Antonio Rodrigues Junior e José Augusto Nascimento Filho cercados dos Chefes e colegas que os homenagearam.

Para prevenção de acidentes

A cor viva possui boas qualidades preventivas de acidentes e por isso tem sido usada em muitos lugares com essa finalidade. Assim, por exemplo, numa porta de lugar de grande movimento, cujo patamar era da cor natural do cimento, tendo apenas oito centímetros de altura por dezesseis de fundo, uma pessoa em cada grupo de três tropeçava ao passar por ali. Depois que o patamar foi pintado de amarelo forte, poucas pessoas tocaram no obstáculo.

Rupturas de cabos aéreos

Nos Estados Unidos um inventor está experimentando o emprêgo de gás colorido na descoberta de rupturas de cabos telefônicos aéreos. O escapamento de gás, com uma cor determinada, que se dá ao atingir a ruptura, localiza o ponto, tornando-se visível do solo e facilitando o trabalho do consertador de defeitos. Diz o inventor que a coloração do gás é fácil de realizar, mas o difícil é torná-lo não corrosivo. A idéia é tida como praticável.



O Dr. Antonio F. Jacobina Filho, agradecendo a homenagem. Entre os presentes vêm-se P. R. Castanheira, W. Hirsch, E. Evetts, T. D. Christian e o Dr. René C. Darbilly, novo Chefe da Secção de Estudos da Planta.

HOMENAGEM AO DR. ANTÔNIO F. JACOBINA FILHO

Num ambiente de franca cordialidade e camaradagem, no dia 30 de Agosto passado, o Dr. Antonio F. Jacobina Filho, retirando-se da Chefia da Secção de Estudos da Planta, por haver sido investido de novas funções nas Companhias Associadas, ao despedir-se, foi homenageado pela totalidade de seus ex-auxiliares, além de grande número de amigos, Chefes de Secções, Superintendentes, etc.

Mesmo que tenha sido, apenas, um "até mais logo", notava-se uma certa tristeza naquela centena de funcionários que se via privada de um colega que se fizera Chefe pelo seu valor e esforço, e, de um Chefe que, pelo seu caráter e pelas suas

qualidades ímpares, se havia desdobrado em Chefe e Amigo.

A Alvaro Sarmiento, como um dos veteranos do quadro do pessoal da Secção, coube a tarefa de transmitir ao homenageado o abraço coletivo de seus colegas, bem como entregar uma pequena lembrança, expressão mínima da grande saudade que ficava entre eles.

Sobre a mesa do homenageado havia uma artística corbelha de flores naturais, mimo gentil de D. Christina Gallimore e suas dactilógrafas.

Visivelmente comovido, em poucas palavras o Dr. Antonio F. Jacobina Filho agradeceu a homenagem.



O homenageado entre D. Christina Gallimore e suas dactilógrafas e demais funcionários da Secção.

Veteranos das Oficinas de S. Paulo

ENTREGA DE EMBLEMAS

Nos últimos dias do mês de Agosto último, foi efetuada a entrega de emblemas a quatro veteranos das Oficinas, Divisão de S. Paulo. São eles: José Martos Camacho, com 20 anos de serviço; Domingos Lopes Perez, Vicente Belino e Manoel Antonio, com 10 anos de serviço cada um.

Os veteranos de dez anos assistiram à colocação do sino de prata na lapela do colega José Martos Camacho, depois de terem recebido os seus emblemas de bronze, que lhes foram entregues por Luiz Maresca, Chefe das Oficinas.

Compareceram à cerimônia Encarregados, Sub-Encarregados e companheiros, como também o Sub-Chefe das Oficinas, Raphael Tobias Antonini.



José Martos Camacho quando Luiz Maresca lhe colocava à lapela o sino de prata.

Depois das palavras de agradecimento e estímulo para que perseverem na dedicação ao trabalho, dirigidas aos veteranos por Luiz Maresca, encerrou-se a simpática e simples cerimônia.



Grupo dos veteranos colegas e chefes que os homenagearam.



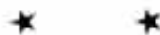
UM RADAR DE BOLSO PARA CEGOS

AINDA que esteja em experiências, espera-se que muito breve será de grande utilidade para os cegos.

Produto de 2 anos de experiências, o aparelho, idealizado por Arthur Di Dea (Faculdade de Washington), Hilda Laufer (Faculdade de Medicina — Siracusa) e Victor Tworsky, foi usado pela primeira vez justamente pelo irmão deste último. Trata-se de um cego de nascença, o qual obteve bons resultados com o uso do aparelho.

O dispositivo consta de um tubo ele-

trônico que emite raios de alta frequência. Esses raios, uma vez interceptados por qualquer obstáculo, voltam ao ponto de partida, onde um sinal é dado de modo a ser percebido pelo cego.



O ORGANISMO DOS INSETOS

As antenas dos insetos são de forma muito variável de peças articuladas muito finas que podem ser consideradas como órgãos do olfato e do tato.



Sino Azul

BOLETIM MENSAL DA COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA

ANO XX

O U T U B R O 1 9 4 7

N.º227

E. M. BRANDAO — Diretor Responsável

CAIXA POSTAL 450

RIO DE JANEIRO

Outubro na história das comunicações

A idéia de comunicação subentende a de lugar, pois, não havendo grande distância entre duas pessoas que se falam, a comunicação não passa de uma natural conversa pessoal, ao alcance do ouvido dos interlocutores.

Trataremos especialmente da comunicação à distância, entre pontos em que as ondas do som não podem atingir o ouvido humano, da comunicação telefônica, que neste mês de Outubro apresenta datas memoráveis na história da telefonia. Também na comunicação no sentido de locomoção o mês de Outubro consigna duas datas históricas honrosas para o Brasil.

Mas — dissemos acima — a idéia de lugar tem a primazia, e, como foi no continente americano que se deram os fatos históricos da crônica das comunicações a que nos referimos, devemos assinalar primeiramente a data do descobrimento do Novo Mundo, comemorada também neste mês.

Foi em 12 de Outubro de 1492 que o navegador genovês Cristovão Colombo descobriu o continente americano, desembarcando numa ilha que os indígenas chamavam "Guanahani" e hoje se chama S. Salvador, do arquipélago das Lucáias. Apesar de descoberto por Colombo, o continente foi chamado nos mapas dos primeiros cartógrafos por América, em honra de Américo Vespúcio, navegador florentino, que visitara quatro vezes as terras já desvendadas.

Essa data panamericana — 12 de Outubro — sempre foi festejada em todas as nações do nosso continente e agora mais do que nunca se justifica essa comemoração, quando a política de boa vizinhança, antecedida pela Doutrina de Monroe, levou as nações americanas a um pacto de paz e defesa do continente contra qualquer agressão externa.

A esta parte do mundo estava reservado o papel de concorrer para o progresso da Civilização, não só pelos exemplos morais de uma política que proclamava o governo do povo, pelo povo e para o povo, como pela contribuição de espíritos iluminados a um maior conforto da humanidade, com inventos maravilhosos, em que se destacam a lampada elétrica, o telefone e o aeroplano, realizados por gênios que viveram nos dois maiores países deste continente, América do Norte e Brasil, e se chamaram Thomas Edison, Alexandre Graham Bell e Santos Dumont.

19 de Outubro de 1900 marca a data do primeiro vôo de dirigível do mundo, feito por Santos Dumont, que contornou a Torre Eiffel, em Paris, e voltou ao ponto de partida dirigindo um "mais leve que o ar" de sua invenção.

23 de Outubro de 1906 foi a data em que esse nosso patricio voou num aeroplano seu, também em Paris, conquistando a Copa Ernesto Archdeacon.

As datas de Outubro que glorificam a memória de Bell e assinalam o desenvolvimento da telefonia foram:

9 de Outubro de 1876 — Primeira comunicação telefônica no mundo operada nos dois sentidos, entre Boston e Cambridgeport, Estados Unidos, numa distância de duas mil milhas.

21 de Outubro de 1915 — Conversação radiofônica entre os Estados Unidos e a França, com escala por Honolulu. Uma das extremidades da linha estava em Arlington, Virgínia, e a outra em Paris.

Divisão de São Paulo

Veteranos da Secção de Estudos da Planta

Entrega de emblemas

NO mês de Agosto passado, Flavio Oswaldo Conti e Marcello Federici, Auxiliares Técnicos, e, em Setembro último, Delmiro G. Iglesias e Sílio Del Debbio, também Auxiliares Técnicos, todos da Secção de Estudos da Planta, Divisão de S. Paulo, completaram 20 anos de serviço na C. T. B. e receberam, por isso, o emblema de prata, em reunião onde reinou grande cordialidade.



Grupo de veteranos, chefes e colegas que os homenagearam, vendo-se no primeiro plano, da esquerda para a direita: I. Kristiansen, Encarregado; Flavio Oswaldo Conti, veterano; D. Hodgson, Sub-Chefe da Secção de Estudos da Planta; Marcello Federici, veterano, e Epiphânio Silva, Encarregado.

Presidida por D. Hodgson, Sub-Chefe daquela Secção, a entrega dos emblemas foi efetuada pelos respectivos Encarregados: I. Kristiansen e Epiphânio Silva.

Os veteranos receberam cronômetros, canetas e outros mimos, como lembrança de seus colegas, sendo muito cumprimentados.

Os homenageados agrade-



Dois aspectos da entrega de emblemas na Secção de Estudos da Planta de S. Paulo. Em cima, aos veteranos Flavio Oswaldo Conti e Marcello Federici; a seguir, aos veteranos Delmiro G. Iglesias e Sílio Del Debbio.

SINO DE OURO

O. Kallut — Departamento do Pessoal — Distrito Federal

Através nossos vinte e cinco anos de exercício na Companhia, em várias funções, inúmeros, sem dúvida, têm sido os momentos de grande emoção, provocados uns pelas dificuldades inerentes a certas atribuições dos cargos que temos ocupado e muitos outros oriundos do reconhecimento oficial de nossos esforços, sempre sinceros e abnegados, em bem nos desincumbirmos das tarefas pequenas ou grandes que nos tenham cabido.

Nenhuma emoção, porém, se compara à que sentimos ao receber o nosso SINO DE OURO como prêmio de nossa constância, porque para nós esse símbolo representa um acervo enorme de lutas e consequentes vitórias, pois se tivéssemos sucumbido ou mesmo apenas desanimado, jamais teríamos progredido ou sequer perdurado no meio em que vivemos há um quarto de século e quase metade de nossa vida.

O prêmio de hoje reaviva em nossa memória, com indizível prazer, todo esse passado trabalhoso mas confiante, cheio de vicissitudes, mas também de esperanças, porque jamais descremos uma só vez do valor da aplicação eficiente e dedicada ao trabalho e se assim agíamos também pregávamos, em todas as oportunidades e sob as mais variadas formas, essa doutrina de aplicação e confiança.

Os tempos passaram, a evolução continuou e nossa confiança jamais se abalou e nela sempre encontrámos o estímulo principal para os nossos permanentes esforços de aperfeiçoamento, como único fator do progresso que tenhamos alcançado.

A realidade não nos decepcionou e aos novos o exemplo sirva de guia em suas vacilações de início de carreira, lembrando-se sempre que os primeiros passos têm de ser curtos e de ritmo incerto, como na primeira infância, pela inexperiência do exercício e desconhecimento do terreno, e que só com persistência e confiança (em si e nos outros) poderemos chegar a marchar com desembaraço e segurança.

Tudo virá a seu tempo e antes de correr temos que aprender a andar, mas depois, muito depois, garantimos-lhes, será enorme a emoção ao contemplarmos o caminho já percorrido...



ceram, comovidos, aquela demonstração de apreço de seus colegas e chefes, principalmente a expressão de carinho que aquele gesto representava.



DIVISAO DO ESTADO DE MINAS

Promoções no Tráfego

Em Três Corações, foi promovida a Telefonista-Encarregada a Telefonista Dione Xavier.

Em Ubá, foi também promovida a Telefonista-Encarregada a Telefonista Luzia Pinto.



A esquerda, Silio Del Debbio quando D. Hodgson lhe colocava à lapela o emblema de prata; à direita vê-se I. Kristiansen colocando o emblema de prata na lapela de Delmiro G. Iglesias.

Como selecionar seus empregados

DO DR. ACHIM H. FUERSTENTHAL — Técnico de Seleção do Pessoal — (Cia. de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro Ltda., Cia. Telephonica Brasileira, Mesbla S.A.)

I

O dono ou diretor de uma empresa comercial no Brasil tem que se familiarizar, cada vez mais, com a técnica da seleção de empregados, pois a mão de obra tornou-se dispendiosa a ponto de criar o importante problema da seleção de pessoal eficiente.

Há uma crença corrente de que se pode evitar o inteiro processo da seleção científica pelo emprego de algumas regras práticas na escolha dos empregados. Uma dessas regras consiste na admissão exclusiva de pessoal "recomendado". No entanto, a recomendação só pode servir de critério, quando é dada com franqueza e compreensão. Ora, muitos empregadores terão notado que hoje em dia raras vezes se preenchem essas condições. Os próprios patrões, a fim de se livrarem de empregados ineficientes, escondem às vezes sua dissatisfação e dão referências favoráveis. Em suma, o sistema de recomendação é útil somente quando a opinião sobre o candidato é exposta com exatidão máxima.

O reconhecer a superioridade da seleção científica sobre qualquer forma de escolha "intuitiva" é uma questão de inteligência. No entanto, há um argumento de que se utilizam mesmo os empregadores que reconhecem as vantagens da seleção científica: a falta de candidatos capazes. "Temos que nos contentar com o que aparece, porque não há onde escolher. Se um empregado não satisfaz, nós o mandamos embora". Essa expressão corresponde a uma atitude bastante errada. Cada empregado admitido representa um emprego de capital: o anúncio, o tempo gasto para sua instrução, o salário mensal em caso de dispensa, etc. É evidente que tais dispensas não deveriam se repetir por causa duma escolha de empregados ináptos para determinado trabalho. Além do mais, cada candidato que é admitido impede a admissão de outro, talvez mais capaz. Enquanto o candidato inapto passa o período de experiência, o outro colocar-se-á definitivamente e é perdido para o emprego.

A admissão de pessoal ineficiente torna-se especialmente desastrosa quando, sob a contingência da falta de elementos para o trabalho, se protela um julgamento desfavorável sobre o empregado. Muitas empresas carregam, como um peso morto, funcionários ineficientes que têm mais de

10 anos de casa e que não podem ser facilmente dispensados em virtude da legislação vigente.

II

Uma vez reconhecida a necessidade da seleção científica dos candidatos a empregos, surge a questão do método a ser aplicado.

Durante muito tempo os chamados testes de aptidão foram usados para tal fim. Contudo, muitos indivíduos bem treinados para um serviço não fazem uso adequado de suas aptidões. Poderão ter sido eficientes até certa altura da vida, quando experiências traumáticas modificaram seus pontos de vista, quebrando sua resistência nervosa e inculcando, em seu espírito, inquietação e ressentimento. Pessoas com tais experiências podem passar nos testes de aptidão com ótimos resultados, mas não corresponderão às exigências duma rotina pesada no exercício diário da função profissional.

Por que motivo, aviadores, "chauffeurs" e motoneiros sofrem acidentes depois de muitos anos de atividade profissional eficiente? Certamente, não porque, de um momento para outro, tenham perdido suas aptidões, e sim porque seu equilíbrio psíquico foi rompido. Sua habilidade tornou-se inútil quando sua personalidade se modificou.

O tipo de personalidade ao qual um indivíduo pertence determina o uso que ele fará de suas aptidões num determinado campo de ação. Assim, dois empregados que em dado momento revelam igual capacidade no exercício de certa função, vamos dizer contabilidade, podem pouco depois atingir graus bem diferentes de eficiência; um aprenderá com facilidade os métodos rotineiros de controle que a empresa exige, enquanto o outro, dotado de natureza impaciente, os achará supérfluos e não se adaptará a eles. Um tentará distinguir-se pela rapidez no trabalho, agindo, porém, com descuido, enquanto outro impressionar-se-á com a extensão da organização a ponto de reduzir sua produtividade.

Paciência, exatidão, obediência, auto-crítica e autocontrole, ataque, atenção, versatilidade e persistência: estes e outros traços de personalidade, que fazem parte do equilíbrio psíquico, certamente não têm



NOVOS CIRCUITOS TELEFÔNICOS ENTRE CATAGUASES E UBÁ

Festa de Confraternização

REALIZOU-SE em Ubá, Estado de Minas Gerais, uma festa de confraternização dos empregados da Companhia Telephonica Brasileira, tendo comparecido inúmeros funcionários.

que se reuniram em festa íntima por motivo da inauguração dos novos circuitos entre Cataguases e Ubá.

A fotografia acima fixa um aspecto da mesa de dôces, vendo-se os inúmeros funcionários que compareceram à festa.

COMO PERMANECER MOÇO

A mocidade não é uma época da vida, é um estado do espírito; é uma condição da vontade, uma quali-

dade da imaginação, um vigor das emoções, uma predominância da coragem sobre a timidez, do apetite pela aventura sobre o amor à comodidade.

Ninguém envelhece simplesmente por viver um certo nú-



menos influência na eficiência de um empregado do que suas aptidões, propriamente falando.

III

Em relação à seleção de empregados não especializados, o problema da personalidade é ainda mais importante. Empregados desta categoria são admitidos ou pela boa impressão que causam nos futuros chefes, ou através dum teste suposto a indicar sua "idade mental" ou seu "quociente de inteligência". Sem discutir aqui os méritos científicos dêste tipo de teste, não podemos deixar de expressar claramente nossa opinião sobre o seu pequeno valor prático.

O fator psíquico medido pelos testes de inteligência não é nada mais que a inteligência e a personalidade necessárias para vencer nestas provas. A personalidade necessária para fazer bem o trabalho é quasi sempre cousa bem diversa.

O exame de personalidade nos dá uma

noção das capacidades básicas do indivíduo: sua memória, sua compreensão, a intensidade e a constância de sua energia, seu poder de observação, seu auto-contrôle e sua auto-correção. A diferença, no entanto, entre o teste de inteligência e o de personalidade, consiste no fato dêste último não tomar em consideração principalmente os resultados do teste e sim a reação do candidato às tarefas apresentadas.

O teste da personalidade não é um exame no qual o candidato atinge um quociente sem relação com o modo pelo qual executará seu trabalho, e sim uma análise sumária de suas reações em situações de tensão nervosa equivalentes àquelas que terá de enfrentar diariamente no exercício de sua profissão.

Com o conceito e com a aplicação dos testes de personalidade, a Psicotécnica entrou em uma nova fase, a qual, desde o início, prometeu ser mais bem sucedida que as anteriores na solução de problemas práticos.

mero de anos; a gente só envelhece pelo abandono dos ideais. Os anos enrugam a pele, mas a renúncia do entusiasmo enrugam a alma. A aflição, a dúvida, a falta de confiança própria, o medo e o desespero — eis os lentos, longos anos que curvam a cabeça e fazem o espírito em desenvolvimento voltar ao pó.

Quer aos 70 quer aos 16 anos, há no coração de cada ser o amor do maravilhoso, o doce encantamento das estrelas e das coisas e pensamentos atraentes, o intrépido cartel dos acontecimentos, o infalível apetite pueril por aquilo que está próximo, a alegria e a graça da vida.

Você é tão jovem quanto a sua fé e tão velho quanto a sua dúvida, tão moço quanto a sua confiança própria e tão velho quanto o seu medo, tão moço quanto as suas esperanças e tão velho quanto o seu desespero.

Enquanto o seu coração receber vibrações de beleza, vigor, coragem, grandeza e força da terra, dos seres e do Infinito, durante esse tempo você é moço.

Quando caem todas as antenas internas e toda a parte central de seu coração está coberta com a neve do pessimismo e o gelo da melancolia, você envelheceu na verdade, e então possa Deus ter misericórdia de sua alma. — *Western Union Safety Bulletin.*

Mensagem a Garcia

Por ELBERT HUBBARD

O artigo que aqui reproduzimos foi escrito há quase cinquenta anos, mas o seu assunto, de um grande sentido estimulante, é de toda atualidade. Hoje, como ontem e como amanhã, haverá sempre necessidade de alertar as mentalidades para que prossigam nas atividades dinâmicas que promovem a prosperidade dos povos e garantem a marcha da civilização.

O autor do artigo revela as circunstâncias que concorreram para o escrever. Como se sabe, a já célebre "Mensagem a Garcia" relaciona-se com a guerra entre os Estados Unidos e a Espanha por causa da ilha de Cuba, hoje República.

Elbert Hubbard escreveu depois a respeito do sucesso que o seu artigo causou nos Estados Unidos e no mundo inteiro. E' esse o relato que damos a seguir, precedendo o artigo.

ESTA insignificância literária, MENSAGEM A GARCIA, escrevi-a uma noite, depois do jantar, em uma hora. Foi a 22 de Fevereiro de 1899, aniversário natalício de Washington, e o número de Março da nossa revista "Philistine" estava prestes a entrar no prelo. Encontrava-me com disposição de escrever, e o artigo brotou espontâneo do meu coração, redigido, como foi, depois de um dia afanoso, durante o qual tinha procurado convencer alguns moradores, um tanto renitentes, do lugar que deviam sair do estado comatoso em que se compraziam, esforçando-me por incutir-lhes rádio-atividade.

A idéia original, entretanto, veio-me de um pequeno argumento ventilado pelo meu filho Bert, ao tomarmos café, quando êle procurou sustentar ter sido Rowan o verdadeiro herói da Guerra de Cuba. Rowan pôs-se a caminho só e deu conta do recado — levou a mensagem a Garcia. Qual centelha luminosa, a idéia assenhorou-se de minha mente. É verdade, disse comigo mesmo, o rapaz tem toda a razão; o herói é aquêle que dá conta do recado — que leva a mensagem a Garcia.

Levantei-me da mesa e escreví "Mensagem a Garcia" de uma assentada. Entretanto, liguei tão pouca importância a êste artigo que até foi publicado na Revista sem qualquer título. Pouco depois da edição ter saído do prelo, começaram a afluir pedidos para exemplares adicionais do número de Março de "Philistine": uma dúzia, cinquenta, cem; e quando a American News Company encomendou mais mil exemplares, perguntei a um dos meus empregados qual o artigo que havia levantado o pó cósmico.

— Êsse de Garcia — retrucou-me êle.

No dia seguinte chegou um telegrama de George H. Daniels, da Estrada de Ferro

Central de New York, dizendo: "Indique preço para cem mil exemplares artigo Rowan, sob forma folheto, com anúncios estrada de ferro no verso. Diga também até quando pode fazer entrega".

Respondi indicando o preço e acrescentando que podia entregar os folhetos dali a dois anos. Disponhamos de facilidades restritas e cem mil folhetos afiguravam-se-nos um empreendimento de monta.

O resultado foi que autorizei o Sr. Daniels a reproduzir o artigo conforme lhe aprouvesse. Fê-lo então em forma de folhetos, e distribuiu-os em tal profusão que, duas ou três edições de meio milhão, se esgotaram rapidamente. Além disso, foi o artigo reproduzido em mais de duzentas revistas e jornais. Tem sido traduzido, por assim dizer, em todas as línguas faladas.

Aconteceu que, justamente quando o Sr. Daniels estava fazendo a distribuição da "Mensagem a Garcia", o príncipe Hilkoff, diretor das estradas de ferro russas, se encontrava neste país. Era hóspede da Estrada de Ferro Central de New York, percorrendo todo o país acompanhando o Sr. Daniels. O príncipe viu o folheto e por êle se interessou, mais pelo fato de ser o próprio Sr. Daniels quem o estava distribuindo em tão grande quantidade, que, propriamente, por qualquer outro motivo.

Como quer que seja, quando o príncipe regressou a sua Pátria, mandou traduzir o folheto para o russo e entregar um exemplar a cada empregado de estrada de ferro na Rússia. A breve trecho foi imitado por outros países; da Rússia passou o artigo para a Alemanha, França, Turquia, Indostão e China. Durante a guerra entre a Rússia e o Japão, foi entregue um exemplar da "Mensagem a Garcia" a cada soldado russo que se destinava ao "front".

Os japoneses, ao encontrar os livrinhos

em poder dos prisioneiros russos, chegaram à conclusão de que havia de ser cousa boa e não tardaram em vertê-lo para o japonês. Por ordem do Micado foi distribuído um exemplar a cada empregado civil ou militar do governo japonês.

Para cima de quarenta milhões de exemplares de "Mensagem a Garcia" têm sido impressos, o que é sem dúvida a maior circulação jamais atingida por qualquer trabalho literário durante a vida do autor, graças a uma série de circunstâncias felizes.

ELBERT HUBBARD

East Aurora, 1 de Dezembro de 1913.



EM todo este caso cubano, um homem se destaca no horizonte de minha memória.

Quando irrompeu a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos, o que importava a estes era comunicar-se rapidamente com o chefe dos insurretos, Garcia, que se sabia encontrar-se em alguma fortaleza no interior do sertão cubano, mas sem que se pudesse dizer exactamente onde. Era impossível um entendimento com elle pelo correio ou pelo telégrafo. No entanto, o Presidente precisava da sua colaboração, e isto quanto antes. Que fazer?

Alguém lembrou: "Há um homem chamado Rowan; e, se alguma pessoa é capaz de encontrar Garcia, há de ser Rowan".

Rowan foi trazido à presença do Presidente, que lhe confiou uma carta com a incumbência de entregá-la a Garcia. De como este homem, Rowan, tomou a carta, meteu-a dentro de um invólucro impermeável, amarrou-a ao peito, e, após quatro dias saltou de um barco sem coberta, alta noite, nas costas de Cuba; de como se embrenhou no sertão para, depois de três semanas, surgir do outro lado da ilha, tendo atravessado a pé um país hostil e entregue a carta a Garcia — são cousas que não vêm ao caso narrar aqui pormenorizadamente. O ponto que desejo frisar é este: Mac Kinley deu a Rowan uma carta, destinada a Garcia; Rowan tomou-a e nem sequer perguntou: "Onde elle está?".

Salve! Eis aí um homem cujo busto merecia ser fundido em bronze e sua estátua colocada em cada escola. Não é de sabedoria livresca que a juventude precisa, nem de instrução sobre isto ou aquillo. Precisa, sim, de um endurecimento das vér-

tebras, para poder mostrar-se altiva, no exercício de um cargo; para atuar com diligência, para dar conta do recado; para, em suma, levar "uma mensagem a Garcia".

O general Garcia já não é deste mundo, mas há outros Garcias. A nenhum homem que se tenha empenhado em levar avante uma empresa, em que a ajuda de muitos se torne precisa, têm sido poupados momentos de verdadeiro desespero ante a imbecilidade de grande número de homens, ante a inabilidade ou falta de disposição de concentrar a mente numa determinada cousa e fazê-la.

A regra geral é: assistência irregular, desatenção tola, indiferença irritante e trabalho mal feito.

Ninguém pode ser verdadeiramente bem sucedido, salvo se lançar mão de todos os meios ao seu alcance, quer da força, quer do suborno, para obrigar outros homens a ajudá-lo, a não ser que Deus Onipotente, na sua grande misericórdia, faça um milagre, enviando-lhe, como auxiliar, um anjo de luz.

Leitor amigo, tu mesmo podes tirar a prova. Estás sentado no teu escritório, rodeado de meia dúzia de empregados. Pois bem, chama um deles e pede-lhe: "Queira ter a bondade de consultar a enciclopédia e de me fazer uma descrição resumida da vida de Corrégio".

Dar-se-á o caso do empregado dizer calmamente: "Sim, Senhor" e executar o que lhe pediste?

Nada disso! Olhar-te-á admirado para fazer uma ou algumas das seguintes perguntas:

Quem é elle?

Que enciclopédia?

Onde é que está a enciclopédia?

Fui eu acaso contratado para fazer isso?

E se Carlos o fizesse?

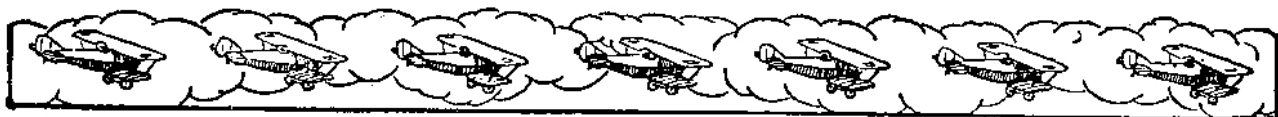
Já morreu?

Precisa disso com urgência?

Não será melhor que eu traga o livro para que o senhor mesmo procure o que quer?

Para que quer saber isso?

E aposto dez contra um que, depois de haveres respondido a tais perguntas, ou explicado a maneira de procurar os dados pedidos e a razão por que deles precisas, teu empregado irá pedir a um companheiro que o ajude a encontrar Corrégio e, depois, voltará para te dizer que tal homem não existe. Evidentemente pode ser que eu perca a aposta; mas, seguindo a regra ge-



ral, jogo na certa. Ora, se fôres prudente, não te darás ao trabalho de explicar ao teu "ajudante" que Corrégio se escreve com "C" e não com "K", mas limitar-te-ás a dizer calmamente, esboçando o melhor sorriso: "Não faz mal; não se incomode", e, dito isto, levantar-te-ás e procurarás tu mesmo. E esta dificuldade de atuar independentemente, esta incapacidade moral, esta fraqueza de vontade, esta falta de disposição de solicitamente se pôr em campo e agir — são as causas que impedem o advento do socialismo puro. Se os homens não tomam a iniciativa de agir em seu próprio proveito, que farão se o resultado do seu esforço redundar em benefício de todos? Por enquanto parece que os homens ainda precisam de ser dirigidos. O que mantém muito empregado no seu posto e o faz trabalhar é o medo de, se não o fizer, ser despedido no fim do mês. Anúncias precisar de taquígrafo, e nove entre dez candidatos à vaga não saberão ortografar nem pontuar — e, o que é mais, pensam que não é necessário sabê-lo.

Poderá uma pessoa destas escrever uma carta a Garcia?

Vê aquêle guarda-livros, dizia-me o chefe de uma grande fábrica.

"Sim, que tem?"

"É um excelente guarda-livros. Contudo, se eu o mandasse dar um recado, talvez se desobrigasse da incumbência a contento, mas também podia muito bem ser que no caminho entrasse em duas ou três casas de bebidas, e que, quando chegasse ao seu destino, já não se recordasse da tarefa que lhe fôra dada".

Será possível confiar-se a um tal homem uma carta para entregá-la a Garcia?

Ultimamente temos ouvido muitas expressões sentimentais, demonstrando simpatia para com os pobres entes que lutam de sol a sol, para com os infelizes desempregados à cata do trabalho honesto, e tudo isto, quase sempre, entremeado de muita palavra dura para com os homens que estão no poder.

Nada se diz do patrão que envelhece antes do tempo, num esforço inútil, para induzir eternos desgostos e descontentes a trabalhar conscienciosamente; nada se diz de sua longa e paciente procura de pessoal, que, no entanto, muitas vezes nada mais faz do que "matar o tempo", logo que ele volta as costas. Não há empresa que não esteja despedindo pessoal que se mostra incapaz de zelar pelos seus interesses, a fim de substituí-lo por outro mais apto. Este processo de seleção por eliminação está se operando incessantemente,

em tempos diversos, com a única diferença, que, quando os tempos são maus e o trabalho escasseia, a seleção se faz mais escrupulosamente, pondo-se fora, para sempre, os incompetentes e os inaproveitáveis. É a lei da sobrevivência do mais capacitado. Cada patrão, no seu próprio interesse, trata somente de guardar os melhores — aquêles que podem "levar uma mensagem a Garcia".

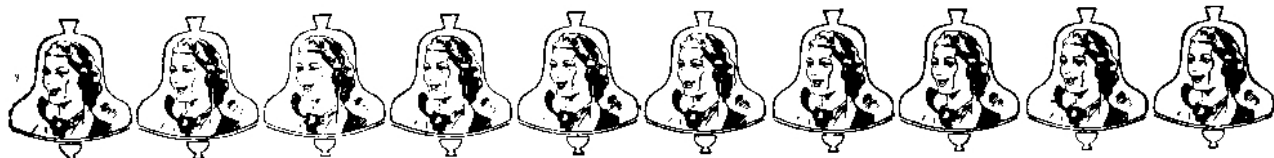
Conheço um homem de aptidões realmente brilhantes, mas sem a fibra necessária para dirigir um negócio próprio, e que ainda se torna completamente nulo para qualquer outra pessoa, devido à suspeita que constantemente abriga de que seu patrão o esteja oprimindo ou tencione oprimi-lo. Sem poder mandar, não tolera que alguém o mande. Se lhe fôsse confiada uma mensagem a Garcia, retrucaria provavelmente: "Leve-a você mesmo".

Hoje êste homem perambula errante pelas ruas em busca de trabalho, em estado quase de miséria. No entanto, ninguém que o conheça se aventura a dar-lhe trabalho porque é a personificação do descontentamento e do espírito de discórdia. Não aceitando qualquer conselho ou advertência, a única coisa capaz de nele produzir algum efeito seria um bom pontapé dado com a ponta de uma bota de número 42, sola grossa e bico largo.

Sei, não resta dúvida, que um indivíduo moralmente aleijado como êste não é menos digno de compaixão que um fisicamente aleijado. Entretanto, nesta demonstração de compaixão, vertamos também uma lágrima pelos homens que se esforçam por levar avante uma grande empresa, cujas horas de trabalho não estão limitadas pelo som do apito e cujos cabelos ficam muito cedo envelhecidos na incessante luta em que estão empenhados contra a indiferença desdenhosa, contra a imbecilidade crassa e a ingratidão atroz, justamente daqueles que, sem o seu espírito empreendedor, andariam famintos e sem lar.

Dar-se-á o caso de eu ter pintado a situação em cores demasiado carregadas? Pode ser que sim; mas quando todo mundo se prende a divagações, quero lançar uma palavra de simpatia ao homem que dá êxito a um empreendimento, ao homem que, a despeito de uma porção de empecilhos, sabe dirigir e coordenar os esforços de outros, e que, após o triunfo, talvez verifique que nada ganhou, nada, salvo a sua simples subsistência.

Também eu carreguei marmitas e trabalhei como jornalista, como, também, te-



Clube Recreativo Graham-Bell

Piquenique em Lagôa Santa

DANDO expansão ao seu programa, o Clube Recreativo Graham Bell, dos empregados da Companhia Telephonica Brasileira em Belo Horizonte, Minas Gerais, fez realizar em Lagôa Santa, no dia 9 de Agosto, um animado piquenique, em

que os seus associados tiveram ensejo de gozar momentos de verdadeiro prazer.

Os componentes daquela excursão representavam todas as secções da C.T.B. e se entregaram a vários espor-

tes, tais como natação, passeios a cavalo e muitos outros, o que bastante interessou, principalmente às moças, que se mostraram inteiramente satisfeitas, como se percebe das fotografias que aqui estampamos.



nho sido patrão. Sei, portanto, que alguma cousa se pode dizer de ambos os lados.

Não há excelência na pobreza em si mesma; farrapos não servem de recomendação. Nem todos os patrões são gananciosos e tiranos, da mesma forma que nem todos os pobres são virtuosos.

Tôdas as minhas simpatias pertencem ao homem que trabalha conscienciosamente, quer o patrão esteja, quer não. E o homem, que ao lhe ser confiada uma carta para Garcia, tranquilamente toma a missiva, sem fazer perguntas idiotas, e sem a intenção oculta de jogá-la na primeira sargeta que encontrar, ou praticar qualquer outro gesto que não seja entregá-la ao destinatário, este homem nunca fica "encostado", nem tem que se declarar em

grêve para forçar um aumento de ordenado.

A civilização busca ansiosa, insistentemente, homens nestas condições. Tudo que um tal homem pedir, se lhe há de conceder. Precisa-se dêle em cada cidade, em cada vila, em cada lugarejo, em cada escritório, em cada oficina, em cada loja, fábrica ou venda. O grito do mundo inteiro praticamente se resume nisso: Precisa-se com urgência de um homem capaz de levar uma mensagem a Garcia.



VETERANOS




40 anos
Plauto Costa
Conservação
D. Federal



35 anos
Cornelio Tonoli
Pirassununga
S. Paulo



30 anos
Ernani Barbosa
Conservação
D. Federal



25 anos
Horacio F. Pedrosa F.º - Var-
ginha - M. G.



25 anos
Ida G. Nicolini
Tráfego
S. Paulo



20 anos
Iria A. Gould
Ribeirão Preto
S. Paulo



20 anos
Januario B. Di
Napoli - Estud.
Equip. - S. P.



20 anos
José M. Camacho
Oficinas
S. Paulo



20 anos
Deolinda A. Silva
Tráfego
S. Paulo



20 anos
Mario Jacintho
Araujo - Comer-
cial - D. Federal



20 anos
Flavio Oswaldo
Conti - Estudos
Planta - S. P.



10 anos
Maria J. Negrei-
ros - São Lou-
renço - M. G.



20 anos
Emilio Fortunato
Conservação
S. Paulo



20 anos
Messias A. D'An-
dréa - Est. da
Planta - S. Paulo



20 anos
Milton P. Bit-
encourt - Cons-
truções - D. F.



10 anos
Helena S. Gomes
Cruzeiro
S. Paulo

VETERANOS



35 anos
Maria Guimarães
Campos
E. do Rio



30 anos
José C. Souza
Conservação
D. Federal



30 anos
Simon Renstrom
Estudos Equipa-
mento - D. F.



20 anos
Diva Silva
São Vicente
S. Paulo



25 anos
Francisco Souza
Conservação
S. Paulo



25 anos
Lina B. Ciancetti
Tráfego
S. Paulo



20 anos
Marcelo Federici
Est. da Planta
S. Paulo



20 anos
Luiza Lucati
Tráfego
S. Paulo



20 anos
Erico Jacintho
Soares - Conser-
vação - D. F.



20 anos
Eduardo P.
Cunha - Comer-
cial - D. Federal



20 anos
Luiz G. Costeira
Almoxarifado
Geral - S. Paulo



10 anos
Josephina L. Berno
Araraquara
S. Paulo



20 anos
Felipe de Moura
Const. In-
terior - S. Paulo



20 anos
Helle Soares
Construções - D.
Federal



20 anos
Ingar A. Kris-
tiansen - Estudos
Planta - S. P.



10 anos
Lidia V. Bravo
Cataguases
Minas Gerais



10 anos
Paulo Fonseca
Divisão do Estado
S. Paulo



10 anos
Aldovar A. Corrêa
Conservação
D. Federal



10 anos
Francisco E. Perez — Santos
S. Paulo



10 anos
Mario M. Crespo
Conservação
S. Paulo



10 anos
Orcey A. Pinto
Listas
D. Federal



10 anos
Lourenço Medeiros — Cruzeiro
S. Paulo



10 anos
Wandeir S. Nogueira - S. Seb.
Paraíso - M. G.



10 anos
Raul Jacintho
Conservação
D. Federal



10 anos
João Benedicto
Conservação
S. Paulo



10 anos
Paulibio J. Rodrigues - Construção - D. F.



10 anos
Astolfo B. Castro Filho - Conserv. D. Federal



10 anos
Antonio A. H. Santos - Conservação - S. P.



10 anos
Joaquim F. Motra - Equipamento - S. P.



10 anos
Luiz P. Brazil
Conservação
D. Federal



10 anos
Jose Maria Martins — Construção — D. F.



10 anos
Luiz Gonzaga
Conservação
D. Federal



10 anos
Carlos C. Almeida — Ouro Fino
Minas Gerais



10 anos
João da Silva
Conservação
D. Federal



10 anos
Aldo C. Guimarães - Conservação - D. Federal



10 anos
Claudionor Botelho — Conservação - D. Federal



10 anos
Annita C. Faria
Belo Horizonte
Minas Gerais



10 anos
Amélia Lombardi
Taquaritinga
S. Paulo



10 anos
Corina A. Machado -
Cataguases
Minas Gerais



10 anos
Maria L. D. Leão
Trafego
D. Federal



10 anos
Maria Camargo
Campinas
S. Paulo



10 anos
Maria Conceição
Flecha - Belo Ho-
rizonte - Minas



10 anos
Ada Conceição
Ramos - Tra-
fego - S. Paulo



10 anos
Giselda A. Pinto
Rio Claro
S. Paulo



10 anos
Cecília P. Garcia
Niterói
E. do Rio



10 anos
Laura V. Barbo-
za - Trafego
D. Federal



10 anos
Adibe Neiffe
Pôrto Feliz
S. Paulo



10 anos
Virginia D'Amato
Niterói
E. do Rio



10 anos
Maria da Gloria
Gonçalves - Ni-
terói - E. do Rio



10 anos
Amandina R.
Garcia - Niterói
E. do Rio



10 anos
Maria N. Simões
São Lourenço
Minas Gerais



10 anos
Susanna de Mello
Piraju
S. Paulo



10 anos
Elena Oselim
S. Sebastião do
Paraíso - M.G



10 anos
Edesla S. Almei-
da - Niterói
E. do Rio



10 anos
Carita de Cam-
pos - Itapeva
S. Paulo



10 anos
Rosa F. Concei-
ção - Niterói
E. do Rio

O MERECIMENTO

De OCTAVIO MANO — Departamento do Tráfego — Distrito Federal

O valor que cada um de nós a si próprio confere pode ser comparado com a história daquele gaiato que, apontando para o céu, em pleno dia, afirmou estar vendo uma brilhante estrela... e cada transeunte que a seu lado parava, talvez por sugestão ou por ingenuidade, também julgava vê-la; cada um a via mais brilhante e maior...

Assim é o auto julgamento de nosso próprio valor: cada qual mais brilhante, cada qual maior...

Valor ou merecimento é, no entanto, uma joia que não podemos, ou não devemos, apreciar senão pelo julgamento de terceiros: assim mesmo com as devidas cautelas. Não vão eles descambar para o elogio fácil.

O cabedal de conhecimentos que adquirimos na prática de uma profissão, como a qualidade do trabalho que produzimos, são os fatores principais que nos fazem merecedores de uma posição melhor, tanto no ambiente de trabalho, como no meio social que frequentamos.

A capacidade de ser útil que se observa em uma pessoa, aliada à dedicação ao trabalho, é que lhe dá o grau de merecimento.

Tanto maior sua utilidade neste ou naquele mistér, tanto maior seu merecimento. E esse merecimento não é privilégio de ninguém. É uma consequência lógica da boa aplicação dos conhecimentos que necessariamente adquirimos durante a áspera jornada que efetuamos na nossa existência terrena e da satisfação que sentimos em aplicá-los.

DIVISÃO DE SÃO PAULO

VETERANOS DO EQUIPAMENTO

Realizou-se no dia 15 de Agosto, na cidade de Santos, S. Paulo, a entrega dos emblemas de 20 anos de serviço, sino de prata, aos Encarregados Antonio Gil e Thelmo Fernandes, que estão naquela cidade dirigindo os serviços de montagem do equipamento automático da nova Estação "Santos-Praia" e do aumento do equipamento da Estação "Santos-Brás Cubas".

Thelmo Fernandes na ocasião em que Pedro Salatini lhe colocava à lapela o sino de prata.



Antonio Gil no momento em que recebia o emblema de prata das mãos de Pedro Salatini.

A entrega foi efetuada por Pedro Salatini, Chefe da Secção do Equipamento, sendo o ato presenciado por outros funcionários daquela Secção, que, no momento, cooperam nos serviços que estão sendo executados.

Dr. Nestor Reis

Em Setembro último tomou posse no elevado cargo de Diretor do Departamento de Serviços de Tuberculose do Estado de São Paulo o ilustre fisiólogo Dr. Nestor Reis, que deixou longa folha de serviços entre os funcionários de nossa Companhia em São Paulo, quando exerceu o cargo de Diretor dos Serviços Médicos da C. A. P. naquela Capital.

Todos quantos trataram com o Dr. Reis, em serviços de sua especialidade ou não, guardam uma grata lembrança, não só como dedicado médico que foi, mas como amigo sincero e franco, sempre disposto a prestar os seus serviços sem se preocu-



O Dr. Nestor Reis, Diretor do Departamento dos Serviços de Tuberculose de S. Paulo, no momento em que pronunciava o seu discurso ao tomar posse do cargo, tendo à sua direita o Exmo. Sr. Dr. Queiroz Guimarães, Secretário de Saúde e Assistência Social do Estado de S. Paulo, e à esquerda o Coronel Asdrubal Cunha.

par com seus interesses particulares.

Foi, pois, com viva satisfação que os funcionários daquela Capital, admirado-

res do Dr. Reis, enviaram representantes para assistir ao ato de sua posse, desejando-lhe uma feliz administração.



Henry Huber no momento em que H. J. English lhe colocava à lapela o sino de ouro e rubi, cercado pelos chefes e colegas que o homenagearam.

VETERANO DA PLANTA DE SÃO PAULO

COMPLETOU 35 anos de serviço na C. T. B. Henry Huber, Inspetor de Equipamento de Assinantes, da Secção de Facilidades, do Departamento da Planta, Divisão de S. Paulo.

Muito estimado pelos seus Chefes e companheiros de trabalho, Henry Huber recebeu das mãos do Superintendente da

Planta, H. J. English, o seu emblema com palavras de congratulação e encorajamento.

Grande número de Chefes e funcionários do Departamento da Planta assistiu com satisfação ao ato da entrega do emblema de ouro e rubi que esse esforçado companheiro conquistou com o seu longo tempo de trabalho.

DIVISÃO DE RIO E MINAS

Veteranos do Departamento de Construções

ENTREGA DE EMBLEMAS E CHURRAS- CO EM ITAGUAI

O Departamento de Construções da Superintendência da Rede da Divisão dos Estados do Rio e Minas, viveu momentos de festividade, no dia 19 de Julho próximo findo, com a entrega de sinos de bronze a 17 funcionários que completaram 10 anos de bons serviços prestados à C. T. B.

A cerimônia foi realizada em Itaguaí, no Estado do Rio, local onde algumas turmas se encontram acampadas, construindo a linha interurbana Itaguaí-Itacuruçá, e contou com a presença de D. O. Pinto, Superintendente da Rede, I. F. Miranda, Superintendente do Departamento de Construções; José Luiz Fernandes, Engenheiro Geral da Rede Externa; João B. Fernandes, Chefe Geral das turmas, e grande número de colegas e convidados.

Aos veteranos falou D. O. Pinto, que agradeceu, em nome da Companhia, a ex-



D. O. Pinto, no momento em que colocava à lapela de cada veterano o respectivo sino de bronze.

celente cooperação que eles, como bons funcionários que são, vinham prestando ao desenvolvimento da Empresa.

A seguir, apresentado por D. O. Pinto, falou I. F. Miranda, que, em linguagem simples, felicitou os veteranos, com eles se congratulando pelos bons serviços que lhes foram reconhecidos.

Falou, também, João B. Fernandes, que, habituado a essas cerimônias, frisou, todavia, ser, aquele, o maior grupo de funcionários do Departamento de Construções, dentre os já reunidos, a receber o emblema comemorativo de tempo de serviço em nossa Companhia.

João B. Fernandes, satisfeito com eles, elogiou-os, sendo que, com exceção de três, todos têm o cargo de Feitor.

Passou, então, D. O. Pinto a colocar à lapela de cada veterano, com palavras elo-

Grupo geral de veteranos e participantes da festa, vendo-se ao centro, no plano superior, D. O. Pinto, José Luiz Fernandes, I. F. Miranda e João B. Fernandes.



glosas, o respectivo sino de bronze, recebendo, cada um por sua vez, expressiva salva de palmas, como homenagem dos presentes.

Finda a cerimônia, que transcorreu num ambiente simples, aos presentes foi oferecido um opíparo churrasco, nele se evidenciando as excelentes qualidades culinárias dos cozinheiros das turmas de construção.

As fotografias que ilustram esta notícia mostram o ambiente de regosijo em que decorreu aquela festa.

"Show" de músicos amadores das turmas de construção, em homenagem aos veteranos.



Grupo formado pelos veteranos, que são, a começar da esquerda, Benedito Elizeu, José Pomarico da Silveira, Amaral Furtado de Mendonça, Anardino M. Monteiro, Geraldo A. Coelho, Henrique Marquezini, Adalberto Campante, Pequilo V. Gusmão, Luiz F. de Araujo, José F. Filho, José Liberano, Wilson D. da Silva, Rafael José, Wilson Lelis, José V. da Silva, Ubaldo de Oliveira e Hldefonso Vidal. Em baixo, parte do churrasco que foi oferecido aos presentes.



Telefônica Clube de S. Paulo

BAILE DA PRIMAVERA

Mais um sarau dansante realizou o Telefônica Clube da Capital de São Paulo, o tradicional Baile da Primavera, na noite de 20 de setembro último, com farta distribuição de flôres e premios aos associados presentes.

Duas esplêndidas orquestras cooperaram para o brilho da festa, destacando-se a de "marimba" denominada "Alma Salvadoreña", as quais, com seus ritmos característicos, deram ao baile um tom especial de agrado geral.



Com esse baile, onde estavam representados os funcionários de todas as Secções daquela Capital, assinalou o Telefônica Clube de São Paulo mais um sucesso como retribuição aos esfor-

ços dos seus dignos Diretores.

A grande e brilhante concorrência evidencia-se pelas duas fotografias que estampamos.



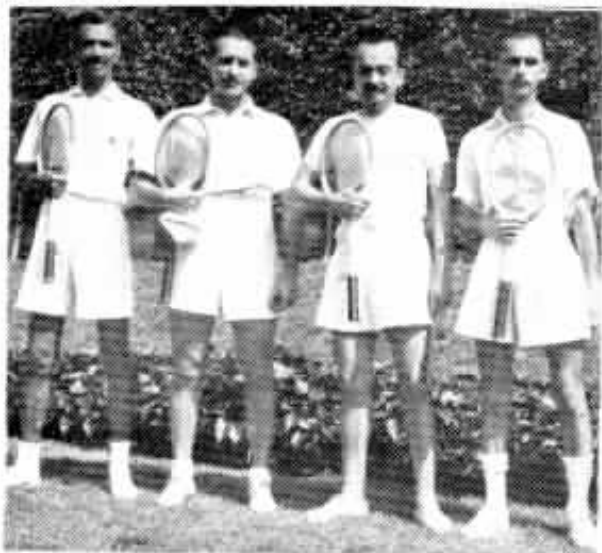
CLUBE DE TENIS INDEPENDÊNCIA

Torneio Relâmpago

Como parte de suas atividades esportivas no corrente ano, o Clube de Tennis Independência realizou em suas quadras um torneio aberto aos funcionários das Companhias Associadas.

Esse torneio foi honrado com a presença do Sr. H. B. Style, Presidente das Companhias Associadas, tendo como parceiro o Sr. H. Greig, Gerente da S. A.

Malheiros - Martinez e Newton - Coimbra, vencedores do torneio relâmpago.



André Jensen e Pedro Martinez, vencedores do torneio de duplas. Pedro Martinez foi também o campeão de simples.



ou Gaz. Infelizmente, um acidente sofrido pelo Sr. H. Greig impossibilitou a dupla de continuar a disputar o torneio.

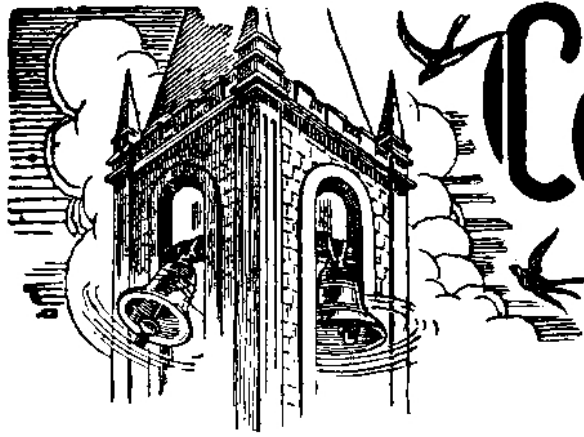
André Jensen e Pedro Martinez, dois dos mais fortes tenistas do Independência, venceram a prova. Pedro Martinez venceu também a prova de simples.

Como é de praxe no Clube, comemorou-se esse resultado com um almoço, para distribuição de prêmios, e um torneio relâmpago como aperitivo para o repasto.

Desse torneio saíram vencedoras as duplas Martinez-Malheiros e Newton-Coimbra.

Os Srs. H. B. Style e H. Greig entre Diretores e sócios do Independência.





Compreensão...

O SERVIÇO TELEFÔNICO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

Por L. OLIVEIRA LIMA FILHO,
Chefe da Secção Geral do Tráfego

A indústria telefônica nos Estados Unidos da América do Norte, no ano de 1946, compreendia 31.650.000 telefones, sendo 5.950.000 pertencentes a Empresas Independentes e os restantes 25.700.000 ao Sistema Bell. Isto significa que 18,7 % dos telefones são parte de Empresas Independentes, porém ligadas por tráfego mútuo ao grande Sistema Bell e entre si.

O Sistema Bell cobre as partes principais do país, porém é impressionante que as Empresas Independentes estejam servindo cerca de dois terços da área territorial da América do Norte.

O Sistema Bell compreende, atualmente, 22 Companhias e as Empresas Independentes são ao todo 6016.

Para se ter uma idéia do volume do serviço telefônico em 1946, basta citar que o Sistema Bell tinha 500.000 empregados e as Empresas Independentes 85.000, para o bom andamento de suas atividades.

As Empresas Independentes têm corrido para o progresso da indústria te-

lefônica de modo notável. O sistema automático de disco foi estudado e introduzido primeiramente por Empresas Independentes de Chicago, São Francisco, Los Angeles, Omaha e em outras cidades, de 1900 a 1909.

Hoje, aproximadamente 33 % dos telefones das Empresas Independentes e 60 % dos do Sistema Bell são manuseados por discos.

As Empresas Independentes principiaram sua atividade em 1894, isto é, quando expiraram as patentes de serviço telefônico expedidas a favor de Alexander Graham Bell.

Hoje, há uma grande harmonia de vistas e de ação entre as Companhias do Sistema Bell e as Empresas Independentes, o que dá uma verdadeira flexibilidade ao serviço telefônico e uma real eficiência às comunicações telefônicas na república americana do Norte.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE INDÚSTRIA TELEFÔNICA ANO DE 1946

	Sistema Bell	Independentes	Total
Nº total de telefones	25.700.000	5.950.000	31.650.000
Nº de Companhias.	22	6.016	6.038
Nº de Estações.....	7.450	12.000	19.450
Nº de Empregados.	500.000	85.000	585.000

(Gentileza de "United States Independent Telephone Association").

A Fôrça do Rádio

SEGUNDO os calculos do celebre fisico M. Wieu, um miligrama de radio emite por segundo 29 milhões de pequenas particulas de uma velocidade prodigiosa, que alcança 250.000 quilometros por segundo, isto é, cinco sextas partes da velocidade da luz.

A energia destes minusculos projetis é proporcional ao produto da sua massa pelo quadrado da sua velocidade.

Em relação a este calculo, um miligrama de radio produz 10,5 quilogrametros, e uma grama engendraria força suficiente para alimentar um motor de um cavalo durante quinze dias.

A RAIZ DE UMA ÁRVORE CAUSA DEFEITO NUM CABO

DEU-SE em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, um interessante caso de defeito em cabo subterrâneo. Um ramal de 51 pares apresentou defeito, o qual foi localizado na parte subterrânea instalada na Praça da Liberdade. Por ocasião da remoção do defeito, como encontrassem resistência, os cabistas foram obrigados a quebrar os dutos, constatando, nessa ocasião, a existência de uma raiz de árvore que havia penetrado nos mesmos, forçando de tal forma o cabo que ocasionou o defeito.

A fotografia acima dá-nos um testemunho do acontecido.



Cerimônias Religiosas e suas origens

O primeiro órgão foi oferecido à Igreja de São Cornélio por Pepino, o Breve, o primeiro rei de França que se fez sagrar por um bispo.

Foi o papa Salviniano quem, em 604, introduziu o uso das lâmpadas acesas nas igrejas.

Os fiéis, fugindo às perseguições de Nero, celebravam os ofícios em lugares isolados e sombrios, necessitando para tanto de iluminação. Daí vem o uso das velas.

A "missa do galo" e o "Jejum da quaresma" foram instituídos por S. Telésforo, 9.º papa, em 130.

São Gregório Magno, 65.º papa, foi o primeiro a ordenar se cantassem, nas missas, nove vezes o "Kirie Eleison," instituindo também as "Ladainhas" e a "Proclamação de Ramos".

Maracáí — São Paulo

INAUGURAÇÃO DE UM POSTO INTERURBANO

Em 30 de Junho último foi inaugurado o Posto Telefônico Interurbano Público de Maracáí, S. Paulo, com a presença do Prefeito Municipal, Sr. Abillo Costa Ribeiro, e de S. M. Guerra, Gerente de Distrito de Sorocaba, que representou a Companhia Telephonica Brasileira.

Estiveram presentes também o Prefeito Municipal de Assis, Sr. Joaquim Carvalho Mota, e pessoas gradas da cidade de Maracáí.

O Prefeito local referiu-se ao esforço de nossa Companhia em estender a sua rede interurbana até aquela cidade e elogiou a operosidade de Celestino Romeu, Chefe da Planta, cujo trabalho acompanhou com especial interesse, bem como de suas duas turmas de construção.

Foram feitas chamadas telefônicas para Assis e para a Capital do Estado, manifestando-se todos os presentes muito satisfeitos com o melhoramento.

Após o ato inaugural, o Prefeito Municipal ofereceu um chá na sede do Clube de Maracáí, o qual decorreu em ambiente muito agradável.

DADOS SOBRE MARACAÍ

Deriva o seu nome de *Maracá*, nome indígena que significa guizo, chocalho, cascavel e cabaça. Entre muitas tribus, o ma-

racá era considerado chocalho sagrado. Este instrumento músico era feito geralmente da cabaça, fruto da coloquintida, que, depois de seca e limpa por dentro, enchia-se de pedrinhas, búzios ou conchas. O sufixo *hi*, como se sabe, significa rio, água etc.; portanto: Rio dos Maracás, etc.

Foram fundadores de Maracáí os Srs. José Gonçalves de Mendonça e Joaquim Gonçalves de Oliveira, há cerca de 60 anos, mais ou menos. Foi elevada a Município pela Lei 2.000, de 19 de Dezembro de 1924. O Município é levemente montanhoso, na sua quasi totalidade de excelente terra vermelha, própria para cultura em geral e banhado pelos rios Capivara, Cervo e outros. O clima é muito regular e ameno. Possui cerca de 30.000 habitantes, dos quais 5.000 em sua sede. Dista da Capital de S. Paulo 580 quilômetros, em rodovia, não sendo servido por estrada de ferro.



Para dar segurança às fechaduras

As chaves de eixo ôco serra-se a parte do eixo que não entra na plancheta de dentes, de modo que se lhe tire um pequeno anel, o qual se mete no pivot da fechadura, onde ficará permanentemente.

Será um obstáculo para o jogo de outra chave, pois ainda que os seus dentes correspondam ao mecanismo da fechadura, não poderá chegar ao fundo dela, devido ao aro interposto. Em compensação, a chave cortada girará facilmente, completando-se, dentro da fechadura com esse mesmo anel que, para as demais chaves, é um inconveniente.

O SONHO

Conto de
RENATO DE CASTRO



Eh! Argemiro! — O mulato não respondeu. Curvado para as folhas, imóvel, ainda no gesto de dobrá-las, parecia embriagado pelo cheiro de tinta fresca, embalado pelo ritmo brutal das máquinas, pelas pancadas surdas das brochuras já prontas sobre a mesa.

O chefe insistiu:

— Eh! Maluco! Está dormindo?

Risada geral. Argemiro endireitou num sobressalto grotesco o corpo seco, enfezado e olhou em tórno. Tinha os olhos amarelos, quasi da mesma côr da pele, que era do mesmo tom dos cabelos, em carapinha rala. Era todo ele amarelado, uma palidez suja de mulato degenerado, com lábios grossos e imóveis, olhos enormes e salientes.

Servia de palhaço na oficina; sobre ele é que se exercitava o espírito facil do chefe e todos os outros, para passar o tempo, divertiam-se com o Argemiro. Ele sofria tudo, ganhava menos do que os outros... Era o “maluco”... Nem protestava contra essa alcunha que sua credulidade infinita, sua ingenuidade de cretino justificavam.

— Deixa eu sê maluco, gente! — Era só o que dizia, quando o importunavam muito.

Uma cousa única tinha o dom de exaltá-lo, arrancava energia de seu peito magro, fazia-o protestar — a boca a transbordar espuma e um fulgor mau nos olhos dilatados: era a alusão a seus sonhos.

Pobre Argemiro; num momento de silêncio, tivera uma vez a tolice de contar:

Oh, gente! Eu tive um sonho essa noite!...

Houve risadas, é claro. Bastava que o Argemiro abrisse a boca para que todos rissem. Mas o chefe exigiu silencio. Era preciso conhecer o sonho do maluco: devia ser divertidissimo.

E o mulatinho, dando á face ridícula um ar grave de júbilo contido e orgulho imenso, contou: “Sonhara com uma moça, muito bonita, muito branca e que gostava muito dele”...

Foi impossível conter mais a gargalhada.

— Ora o “maluco”!

Argemiro transfigurou-se, furioso, agitando os braços finos, com os lábios escorrendo e os olhos desvairados. Sonhara, sim! E a moça era muito bonita e gostava dele... beijava-o...

Os risos abafaram seus protestos e o mulatinho calou-se com um rancor feroz.

Duvidar de seu sonho! Rir dele! Canalha! E com a boca oblíqua, lívido, ativamente a dobragem para empregar em qualquer cousa a força, que sentia vibrar nos braços, resmungava palavrões, ameaças e pragas hediondas.

Nunca mais falou no sonho, mas mudou de genio: Não voltou a falar horas e horas, dizendo com paciência incansável bobagens, que divertiam o pessoal. Podiam puxar por ele, provocá-lo. Argemiro tornou-se silencioso: trabalhava calado, matutando...

Em que pensaria o “maluco”?

Os outros irritavam-se.

Oh! Maluco: Que é o que você sonhou esta noite?

Argemiro tinha um olhar odiento, mas não respondia.

O caso é que voltára a sonhar. Logo na mesma noite em que chegara á casa, ainda a tremer de odio, á lembrança dos risos zombeteiros, dormira e sonhára. Tornára a ver a criatura branca e formosa, que se curvava para ele e beijava-o, acariciava-o, ouvia as palavras de seu amor.

Acordou inebriado, sentindo o corpo

leve e a alma imensa. Ah! Podiam rir. Ele sonhára outra vez...

E passou todo o dia calado para recordar melhor no cerebro moroso a felicidade do sonho.

Poucas noites depois voltou a sonhar. Era sempre a mesma cena: uma moça muito clara, muito meiga e que o amava.

E Argemiro viveu então absorvido nessa ventura. O dia era um incessante recordar, enquanto não vinha a noite, para fechar-se no quarto sordido, deitar-se e esperar ansiosamente o sono, o sonho.

Na miséria de sua existência, no meio dos motejos, das humilhações, o segredo maravilhoso dava-lhe força para resistir a tudo, em silencio, com uma espécie de pudor e orgulho selvagem.

— Eles não sabem...

Ninguém sabia que, á noite, no sonho, ele tinha em seu leito aquela moça linda e meiga. Isso lhe dava coragem, mesmo porque, recordando, ele enfeitava o sonho, imaginava-o mais completo, melhor ainda e, á noite, a moça, docilmente, aparecia-lhe tal qual ele a imaginara. Mas era tal o contraste entre a ventura maravilhosa do sonho e a vida, a verdadeira vida, o dia inteiro, curvado ao trabalho e aos remotes, maltratado até agora, que, nem para divertir servia; era tão grande a diferença que o Argemiro pela manhã sentia-se sem forças para afrontar o dia, as longas horas de tortura.

Se ele pudesse dormir mais...

Faltou á oficina, uma vez, para ficar em casa, dormindo.

Mas não dormiu. Ficou deitado, sem sono; só conseguiu dormir por instantes. E, para maior desgraça, esse dia de repouso, privou-o do sono, á noite; privou-o do sonho.

Argemiro ergueu-se tremulo de horror. Se ele não pudesse mais dormir? Não tornaria a ver a moça...

Foi á farmácia, queixou-se de insônia, pediu um remédio e voltou para casa, assustado ainda, com toda a esperança encerrada nessa caixinha, que apertava no bolso.

Deitou-se, enguliu com fervor, como se fossem hostias santas, as duas capsulas e esperou. E o sono veio, bom, longo, tranqüilo e veio o sonho, como toda a ventura dulcíssima.

No dia seguinte, Argemiro saiu de casa com o peito oprimido de alegria. Podia dormir quando quisesse!

Era sábado, dia de "paga"; ele tinha a receber quatro dias de trabalho; com isso poderia passar uma semana sem trabalhar, dormindo.

Pouco a pouco, como uma invenção prodigiosa, veio-lhe a idéia de uma esper-teza. Logo ao sair da oficina foi a uma farmácia, ali perto, mandou repetir a receita da caixinha. Na rua, cuidadosamente passou as capsulas para um papel e levou a caixa a outra farmacia.

O farmacêutico, zeloso, achou forte a dose e recomendou:

— Não tome as duas capsulas de uma vez. Olhe que pode ficar, por aí, dormindo um dia inteiro.

Argemiro abriu mais a boca, num riso enlevado.

E repetiu ainda a formula três vezes. Dez capsulas! Quantas horas poderia dormir!

Era tal a saudade da moça branca e formosa, tal a ansia de adormecer para esperá-la, que não perdeu tempo em jantar. O estomago tremia, ôco, revoltado, mas Argemiro correu para casa. Engoliu apressado as capsulas.

E dormiu.

Só dois dias depois, á tardinha, quasi noite foram encontrá-lo e, para isso, forçaram a porta do quarto. O médico da Assistência atestou a morte-miséria: fome.

Palavras vagas. O caso é que estava morto e era um indigente.

Mas Argemiro não tinha na face o estigma de uma morte horrenda. Dir-se-ia dormir. Em sua boca, entre-aberta, em todo seu rosto, havia uma expressão de tal ventura, que êle parecia sonhar ainda. E tinha as mãos cruzadas com força, para apertar sobre o peito a ideal amada, para sempre.



A CHINA E A FOTOGRAFIA

UM sábio chinês, que há longos anos se dedica ao estudo da técnica na antiguidade da China, publicou recentemente um trabalho sobre a arte da fotografia, assegurando que ela foi cultivada em tempos remotos no seu país; informa que um químico chinês fabricou plâcas de porcelana, sensível á luz, há dois mil anos e pôde fazer negativos com a ajuda de uma camara escura. Mas, como na época não se dispunha de vidro, as imagens não puderam reproduzir-se e o trabalho não teve êxito. Afirma, contudo, o sábio que a fotografia foi descoberta por um chinês.

A COMPOSIÇÃO DO FOSFORO

A cabecinha dos fosforos comuns é uma mistura de agua, cola, areia fina, óxido de chumbo, fosforo e uma matéria corante. A inflamabilidade por atrito é devida ao fosforo e á areia.



O QUE IGNORAMOS

UMA palmilha de camurça posta nos sapatos aquece os pés e evita que as meias se rompam, além de evitar que os pés se magoem sobre as solas grossas quando a palmilha é espessa.

A Fundação Nobel

FATOS POUCO CONHECIDOS SÔBRE OS AFAMADOS "PRÊMIOS NOBEL"

O Prêmio Nobel é uma recompensa às inteligências a serviço da humanidade e já se tornou universalmente conhecido. Pouco, porém, tem sido publicado a respeito da organização que superintende a escolha dos premiados e a distribuição dos prêmios. Por isso, vamos divulgar algumas cousas a êsse respeito, tiradas com a devida vênia de um artigo publicado em "The American Swedish Monthly", em New York, e de autoria do Sr. Tell G. Dahllöf, brilhante, escritor sueco e representante dessa revista em Estocolmo, onde é editor da revista "Indústria".

A organização conhecida por Fundação Nobel ocupa um edifício de cinco andares, na praça Sturegatan nº 14, em Estocolmo, Suécia. Um grande número de funcionários ali trabalha durante o ano inteiro, ocupando-se do exame dos difíceis detalhes que acompanham a seleção anual dos vencedores do Prêmio Nobel. Êsse labôr chega ao auge em Novembro, quando são publicados os nomes dos premiados, em Dezembro, quando êles comparecem pessoalmente ao Festival Nobel, em Estocolmo, para receberem os seus prêmios das mãos do rei da Suécia, em 10 de Dezembro, data do falecimento de Alfredo Nobel, o instituidor do prêmio que recebeu o seu nome. O processo de seleção dos candidatos aos prêmios do ano segue um ritmo trabalhoso. Pessoas do mundo inteiro, inclusive as que já ganharam o prêmio, são convocadas para ajudar a escolher os candidatos, sendo reunidos especialistas e técnicos. Todos os anos são requisitados pela Fundação eruditos das universidades internacionais para emprestarem o concurso de suas inteligências na seleção dos candidatos.

Logo no mês de Fevereiro, as respostas aos pedidos começam a afluir à Fundação as quais são encaminhadas às organizações que concedem os prêmios e a suas comissões especiais Nobel. Assim os vencedores em física e química são eleitos pela Academia Sueca de Ciências; os em medicina, pelo Instituto Carolina, de Estocolmo, e os de literatura, pela Real Academia Sueca. O vencedor do Prêmio Nobel da Paz é escolhido em Oslo, por uma comissão especialmente designada pelo Parlamento da Noruega.

Essas comissões examinam os nomes sugeridos. Alguns exames exigem investigações mais apuradas do que outras e neles os especialistas se manifestam, sendo estu-

dados cuidadosamente os trabalhos dos candidatos, citados os seus princípios e precedentes e consultados várias vêzes os estatutos que regem a concessão do Prêmio Nobel, sempre com a assistência do consultor jurídico da Fundação. Sômente em Outubro é que as comissões podem indicar os candidatos escolhidos, cujos nomes só vêm a público oficialmente quando a Fundação determina. Evita-se que sejam conhecidas do público as divergências entre os membros das comissões, o que só aconteceu há dois anos, quando um deles tornou pública a sua opinião com o intuito de protestar contra a concessão a um alemão, Otto Hahn, do Prêmio Nobel pelas suas descobertas relativas à desintegração do átomo.

O pedido pessoal do Prêmio Nobel não é atendido, sendo isso considerado um verdadeiro suicídio para o pretendente em suas futuras aspirações. Os pedidos em massa cabalando sôbre qualquer candidato, originados em grande parte na América do Sul, nenhuma influência exercem na decisão final das comissões especiais.

A Fundação acompanha com espírito tolerante aqueles que insistem anos após anos em ser candidatos. Desde que foi concedido o Prêmio Nobel de literatura a Rabindranath Tagore em 1913, por exemplo, muitas propostas foram recebidas da Índia Britânica. Um dos proponentes queria o prêmio sob o fundamento de ter feito a grande descoberta de que a música é responsável por um maior espírito de amizade entre os homens. Outro ainda se julgava com direito ao prêmio por estar de posse da prova indiscutível de que todos os ingleses nascem com caudas que são secretamente cortadas ao nascerem.

Quase todos os anos a Fundação Nobel se defronta com o perigo do apregoamento de falsos ou prematuros premiados. Êsses palpites publicados em jornais originam embaraços, cólera ou desapontamento de alguns. Um caso prematuro desses foi o do vencedor do prêmio de física de 1946, Dr. P. W. Bridgman, que em 1933 foi dado por um jornal de New York como vencedor do prêmio. Dois dias depois houve o desmentido, porque não era verdadeira a notícia. Foi apenas treze anos prematura.

Alfredo Nobel, instituidor do prêmio, nasceu em Estocolmo em 1833 e ali viveu até à idade de 9 anos, quando sua família se mudou para São Petersburgo. Tornou-

O FUTURO DAS LÍNGUAS

UM filólogo russo publicou há cerca de dez anos curioso estudo para demonstrar que no mundo, dentro de alguns séculos, não existirão mais de três línguas vivas: o russo, o inglês e o chinês. Todos os outros idiomas serão irremediavelmente esquecidos.

Segundo o escritor russo, a língua inglesa será falada na Grã-Bretanha, naturalmente, na Austrália, na África e na América. O chinês será a língua dos Celestes e de todos os habitantes dos arquipélagos oceânicos. Quanto à Europa continental e toda a Ásia, excetuando a China, adotarão a língua russa.

Ja agora a russificação da Europa em projeto parece justificar aquela previsão de uma breve unificação de línguas...

Atualmente contam-se no mundo 880 línguas diversas isto é: 89 européas, 114 africanas, 123 asiáticas, 117 oceânicas e 417 americanas. Só na Rússia se falam 60 línguas.



VETERANOS DE SÃO LOURENÇO

EM São Lourenço, Estado de Minas Gerais, efetuou-se no dia 31 de Julho último a solenidade de entrega de emblemas de bronze às telefonistas Maria de Jesus Negreiros e Maria Nogueira Simões, que completaram dez anos de serviço na Companhia Telephonica Brasileira.

B. R. Moraes, Chefe de Distrito do Tráfego Interino, pronunciou algumas pa-

lavras, saudando as veteranas e agradecendo a ótima colaboração que as mesmas vêm prestando no desempenho de suas funções naquela estância hidro-mineral.

Na fotografia acima vemos as duas veteranas, ladeadas por B. R. Moraes, Chefe de Distrito de Tráfego Interino, e por um grupo de colegas que as homenagearam.

se um gênio universal devido à sua carreira fabulosa na Rússia, suas viagens, suas invenções e descobertas científicas. Foi, com os irmãos, o criador do Império do Petróleo na Rússia. Faleceu em 1896.

Entre as determinações que deixou escritas sobre o Prêmio Nobel está a que estatue que não deve prevalecer nenhuma exigência de ordem racial, de nacionalidade ou religiosa para o vencedor do prêmio e que a escolha dos vencedores devia ser feita por instituições suecas.

A imparcialidade da Fundação Nobel se afere pelo fato de não compilar recordes de vencedores de prêmio por nacionalidade. O leitor, em suas pesquisas próprias, verificará que europeus e norte-americanos receberam mais prêmios do que pessoas de outros continentes. Contudo, a América do Sul está começando a figurar na Fundação, com o prêmio de literatura de 1945, concedido à poetisa chilena Gabriella Mistral. Não figuram ainda premiados africanos ou australianos.

Desde 1901 foram concedidos prêmios a mais de 200 pessoas, entre as quais uma dúzia de mulheres. Em 1946, o prêmio foi na importância de cerca de 33.750 dólares e em 1947 será de cerca de 40.690 dólares.

A Fundação Nobel também contribue com elevadas importâncias para a manutenção e funcionamento de muitas instituições de pesquisas científicas em Estocolmo e em Oslo. Apesar desse auxílio, o trabalho de pesquisas se processa livremente.

A Biblioteca Nobel em Estocolmo é uma das mais notáveis da Europa, principalmente em literatura moderna, sendo única a sua coleção de obras de escritores da Europa Oriental. Sua coleção de literatura russa estacionou devido à dificuldade de ser encontrada fora da Rússia. A biblioteca tem recebido manuscritos e edições valiosas de vencedores de prêmios. A biblioteca possui cerca de 80.000 volumes, aumentando na proporção de cerca de mil volumes por ano.



ORIGENS DAS UNIVERSIDADES

AS primeiras universidades foram na realidade associações religiosas, para onde acudiam os estudiosos da teologia. O local das aulas era, quasi sempre, junto à Catedral. A partir do século doze, começaram a ser ensinadas, também as matemáticas e a astronomia.

Notas SOCIAIS

CASAMENTO



REALIZOU-SE em 30 de Setembro último o enlace matrimonial de Joaquim Pedro da Silva, da Superintendência da Rede da Divisão dos Estados do Rio e Minas, com a Srta. Léa Alves da Silva, tendo a cerimonia se realizado em Niterói.

CONTRATO DE CASAMENTO

CONTRATARAM casamento em 25 de Agosto último Epaminondas Rosa de Almeida, do Departamento da Conservação da Divisão dos Estados do Rio e Minas, e a Srta. Aida Simões.



ALIMENTAÇÃO COMPLETA

PARA adulto, diariamente : 3 copos de leite; batatas e outros vegetais; um copo de suco de tomate ou frutas citricas; um ovo, carne, peixe ou queijo; 4 a 6 fatias de pão com manteiga.



ARTHUR ALVES, Chefe da Contabilióade do Interurbano, no Distrito Federal, por motivo de seu aniversário natalício em 12 de Setembro, foi alvo de uma homenagem de seus auxillares, de que é expressivo flagrante a fotografia acima.

FALECIMENTOS

D. ANNA AUGUSTA RODRIGUES

FALECEU em 3 de Agosto em Itú, S. Paulo, a Srta. Anna Augusta Rodrigues, aposentada em Dezembro de 1944 e que antes trabalhara em Porto Feliz. Seu passamento foi muito sentido.



ANTONIO CALDEIRA JUNIOR

FALECEU em 16 de Agosto, no Rio, Antonio Caldeira Junior, da Secção de Conservação, e que entrou para a C. T. B. em 1926. Seu falecimento causou fundo pesar.



WERNER BARCIO

VITIMA de um acidente em serviço, faleceu em 5 de Setembro p. p. Werner Barcio, da Secção de Estudos da Planta da Divisão de S. Paulo. O seu falecimento consternou profundamente quantos o conheciam.





REPICANDO



ESPERTEZA

O futuro sogro — Cada uma das minhas filhas, ao se casar, receberá como dote, um prédio. Vejamos agora: qual das minhas três filhas é a sua escolhida?

O pretendente — Cavaleiro... não poderei responder-lhe no momento, sem primeiro vêr os prédios...

ESTES MENINOS...

— Titia, o que vem a ser telégrafo?

— Telégrafo, meu sobrinho, chama-se máquina ou aparelho pelo qual se transmitem para longe quaisquer avisos ou notícias, tanto que, se agora aqui acontece alguma coisa, em poucos minutos o sabem lá em São Paulo ou Pernambuco e até na Europa.

— É? Então titia é telégrafa, não é verdade?

— Eu? telégrafa?! Não compreendo.

— Ora, papai ainda ontem disse que, se conta qualquer novidade à titia, uma hora depois, a cidade toda sabe.

ENGANO

— O senhor não viu logo que objetos vendidos tão baratos só poderiam ser roubados?

— É que eu sempre acreditei que os que vendiam caro é que eram os ladrões.



O leitor sanguinário: — A senhora terá para vender um romance policial com 10 ou 12 mortes?

(De "Lei - Paris")



— O Correio? É muito fácil! Você toma a primeira rua à direita e dobra à esquerda...

(De "Lei - Paris")

SINTOMAS PATOLÓGICOS...

Ela — Devo minha silhueta aos constantes exercícios de natação.

Ele — Escute: você já reparou bem num pato?

SUA ÚLTIMA DESVENTURA

— Eu nada comera há dois dias. Desesperado atirei-me nágua. Um marinheiro salvou-me. Deram-lhe uma medalha e Cr\$ 100,00 e a mim... nada!

REPOUSO

O médico — O senhor necessita de um bom repouso. Deve procurar um lugar aprazível, uma estância mineral, por exemplo, para se distrair.

O cliente — Então, não é preciso, doutor. Minha mulher vai viajar na próxima semana.

A ÚNICA PALAVRA

Dois amigos conversavam sobre a vida de ambos. Um deles, abastado e feliz, diz ao outro:

— Nos negócios, quem fala é o dinheiro, meu amigo!

— Sim, tens razão; a mim, porém, só me disse uma palavra: Adeus!

VINGANÇA

O caixeiro da sapataria, esfregando as mãos de contente — Enfim, vinguei-me!

— Que foi?

— Não vê aquela moça que vai saindo? Ela trabalha na Central. É telefonista, e eu lhe dei o número errado!

TRISTEZA

— Você ainda pode cantar enquanto trabalha. Eu, nem isso.

— Trabalha em escritório?

— Não... Sou cozeiro.

SOBRE CELIBATÁRIOS

Mulher — Veja, José acabou de lêr aqui nesta revista que os celibatários vivem muito menos do que os casados.

Marido — Isto é mais uma prova, querida, de que a felicidade dura muito pouco.

A UNIÃO FAZ A FORÇA...

O freguês ao leiteiro — Isto assim não pode continuar, o senhor mistura água no leite! O leite está cada dia mais fraco.

O leiteiro — Fraco? Impossível, pois o senhor não sabe que "a união faz a força?"...

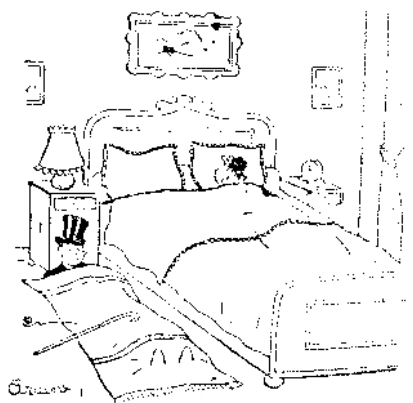
CASO PARA AGRADECER

A cliente — Eu estava noiva de um homem que, agora, se recusa a casar comigo. Que me aconselha que faça?

O advogado — Ele é rico?

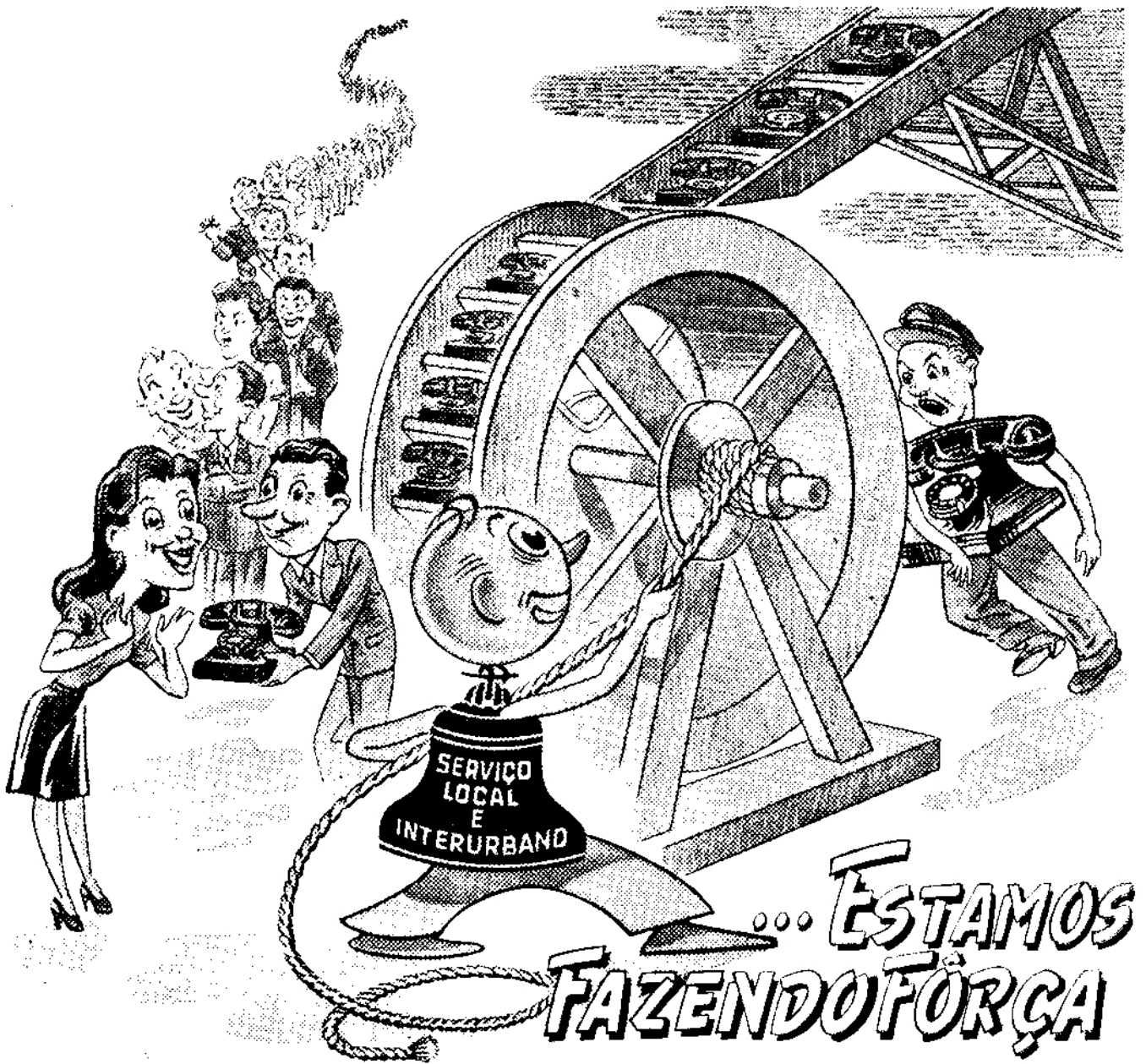
A cliente — Não; não possui um centavo.

O advogado — Então aconselho-a a escrever-lhe uma carta de agradecimento.



Três horas da madrugada!... E Jorge que ainda não chegou!

(De "Tour a Tour")



Tem sido um trabalho duro, mas a "roda" está sempre em movimento. Nem mesmo a guerra, com todos os seus horrores e dificuldades, fê-la parar. É como prova disso, examine o quadro abaixo, que mostra o desenvolvimento do serviço telefônico no Distrito Federal.

	1939	1946	Aumento
N.º de telefones em serviço	103.797	159.073	55.276
Quilômetros de cabos subterrâneos . . .	812.423,61	1.160.871,21	348.447,60
Quilômetros em cabos aéreos	131.720,59	177.973,47	46.152,88
Média de chamadas diárias	2.311.828	3.065.027	754.199

"Estamos fazendo força" e não mediremos sacrifícios para fornecer ao povo do Distrito Federal um serviço telefônico compatível com o seu progresso e as suas aspirações.

